



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

CINECLUBE AFOXÉ: O CINEMA COMO ESPAÇOTEMPO DE FORMAÇÃO PARA MULHERES NEGRAS

Bárbara Maia Cerqueira Cazé (1)

Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo barbaracaze@gmail.com

Resumo: O Cineclube Afoxé é um projeto cultural que organiza sessões, seguidas de roda de conversa, em espaços na Região do Centro de Vitória-ES, para apreciação de filmes dirigidos por mulheres ou que tenham como temática as questões das mulheres, sobretudo das mulheres negras. Segundo o Atlas da Violência (2017), o Espírito Santo está entre os estados brasileiros que mais mata mulheres. As mulheres são vítimas de violência simplesmente por serem quem são. Os estudos sobre interseccionalidade de Crenshaw (2002), mostram que as discriminações sofridas não podem ser compreendidas de maneira excludente, ou seja, as mulheres negras sofrem discriminação por serem mulheres (gênero), por serem negras (raça) e, quando ocorre, por serem pobres (econômica) e por terem baixa escolaridade (formação). Tais características da discriminação demonstram a vulnerabilidade a qual as mulheres negras estão expostas, o que justifica colocá-las como agenda prioritária no projeto.

Palavras-chave: Cineclube, cinema, mulheres negras.

Cineclube Afoxé é um projeto cultural de natureza cineclubista itinerante, voltado para a exibição, o conhecimento e a difusão de produções cinematográficas e filmicas dirigidas por mulheres ou que tenham como temática as questões das mulheres, sobretudo das mulheres negras, em diversos espaços na Região do Centro Vitória.

O Mapa da Violência (2017) coloca o estado do Espírito Santo em quarto lugar no ranking nacional de homicídio de mulheres, com 4,8 mortes de mulheres a cada 100 mil habitantes. Se incluirmos o recorte de raça às taxas de homicídio, verificamos que o estado do Espírito Santo fica em primeiro lugar, com 9,2 mortes de mulheres negras a cada 100.000 habitantes. Isso significa que uma mulher

negra enfrenta 50% mais riscos de ser vítima de homicídio que uma mulher branca.

É importante registrar que antes da consumação do crime que tira suas vidas, essas mulheres são vítimas de uma série de outras violências: psicológica, patrimonial, física ou sexual, que vão se agravando até que ela seja assassinada. No caso das mulheres negras,

soma-se o racismo às violências acima destacadas.

Chamamos atenção para as mulheres negras, pois segundo os estudos sobre interseccionalidade, de Crenshaw (2002), as discriminações sofridas por essas mulheres não podem ser compreendidas de maneira excludentes, elas devem ser consideradas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mutuamente. Ou seja, as mulheres negras sofrem discriminação por serem mulheres (dimensão de gênero), por serem negras (dimensão étnico-racial) e, quando ocorre, por serem pobres (dimensão econômica) e por terem baixa escolaridade (dimensão formativa). Tais características demonstram a vulnerabilidade à qual as mulheres negras estão expostas, pois as discriminações são sobrepostas.

A cultura da espetacularização da violência e os dados sobre os índices de homicídios de mulheres e, sobretudo, de mulheres negras, mostram o quão vulneráveis estão as mulheres negras capixabas. É essa realidade o que justifica colocar as mulheres negras capixabas como agenda prioritária no Cineclube Afoxé.

A Região do Centro de Vitória é o local onde se iniciou o processo histórico de ocupação e formação da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. São oito bairros (Centro, Fonte Grande Piedade, Bairro Moscoso, Santa Clara, Parque Moscoso, Vila Rubim e Ilha do Príncipe) distribuídos numa área de 2.072 km², com uma população de 19.611 pessoas, segundo pesquisa realizada pelo IBGE em 2010, correspondendo a uma densidade demográfica de 9.464 habitantes por km². Há somente uma sala de cinema na região, no

SESC Glória, criada há pouco mais de três anos, e somente é possível usar o serviço mediante pagamento de ingresso.

Destacamos que o projeto de Cineclube Afoxé está em consonância com a Década Internacional de Afrodescendentes, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, com início em 1º de janeiro de 2015 e fim em 31 de dezembro de 2024, cujo objetivo é “(i) Fortalecer a cooperação e as ações nacionais, regionais e internacionais relativas ao pleno gozo dos direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos pelos afrodescendentes, bem como sua participação plena e igualitária em todos os aspectos da sociedade”.

1. O cinema como *espaçotempo*¹ de formação

Como resultado de nossas pesquisas, temos apostado no cinema e no cineclube como *espaçotempo* de formação *dentrofora* da escola (CAZÉ, 2015). Assim, tomamos o cinema como um artefato cultural (CERTEAU, 1994) amplamente usado em espaços de educação formal, como escolas e universidades, como em espaços de educação não formal, como nos movimentos sociais, para promover o debate

¹ *Espaçotempo*, redigido assim com os termos unidos, foi aprendido com Alves (2006) para ampliar as possibilidades de entendimento do

conceito de “espaço” e de “tempos”, escapando às dicotomias. O mesmo ocorre com outros termos ao longo deste texto, com o mesmo objetivo.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

acerca das condições de vida das mulheres, sobretudo das mulheres negras.

Para Louro (2011) o cinema se constitui enquanto uma pedagogia cultural, ou seja, uma instância formativa poderosa, na qual representações de gêneros, sexuais, étnicas e de classe são reiteradas, legitimadas ou marginalizadas. No Brasil, “ir ao cinema”, mais do que “assistir ao filme” passou a fazer parte dos eventos semanais dos moradores das áreas urbanas nas primeiras décadas do século XX. Jovens e adultos enchiam os cineteatros em busca da magia do cinema, sobretudo do americano que se pretendia universal. Os estúdios de cinema vendiam mais que lazer, vendiam um estilo de vida, glamour e magia.

Tal qual Louro (2011), Duarte (2002) confirma que o cinema se constitui como pedagogia cultural e afeta a forma como vivemos determinadas experiências. Em sociedades audiovisuais como a nossa, ir ao cinema para assistir a filmes se constitui numa prática social importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, tanto quanto a leitura de obras literárias, filosóficas ou sociológicas. A formação cultural pode abrir portas e possibilitar o nosso trânsito em diferentes campos sociais. Portanto, a autora defende que, assim como conhecer os gêneros literários ou as correntes filosóficas, compreender os códigos próprios da

linguagem cinematográfica faz parte da formação.

Ir ao cinema, no entanto, não é uma programação acessível, devido aos altos custos cobrados pelas grandes redes de salas de cinema dos shopping centers. Para Macedo (2010), decorre daí o caráter político do movimento cineclubista: entidades sem fins lucrativos de gestão democrática para exibição de obras audiovisuais gratuitamente, ampliando o acesso da população ao cinema como lazer e possibilidade de formação.

2. Curadoria e sessões

A programação do Cineclube Afoxé passou por curadoria que se iniciou durante a pesquisa para elaboração do projeto e seguiu em aberto. O Cineclube Afoxé não tem local fixo. É um projeto itinerante que está em movimento em praças públicas, espaços culturais, espaços públicos na região do Centro, da cidade de Vitória, estado do Espírito Santo. Assim, a curadoria segue em movimento aberto e de redesenho em diálogo com os locais de exibição.

Tomamos por premissa alguns aspectos que envolvessem as produções filmicas: 1º) filmes dirigidos por mulheres; 2º) filmes que tenham como temática as condições de vida das mulheres, sobretudo das mulheres negras; 3º) filmes brasileiros, para diminuir as barreiras de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas da Escrita

entendimento pelo espectador; 4º) exibição de curtas e médias metragens por não exibirmos num local que oferece o conforto de clima e iluminação próprios de uma sala de cinema convencional; e 5º) filmes de realizadoras do estado do Espírito Santo, de modo a abrir um espaço para difusão da produção local. Diante dos critérios acima listados, descartamos de pronto os filmes de grande circulação no circuito comercial, como as recentes produções brasileiras de ampla repercussão.

As sessões do cineclube são organizadas com a exibição dos filmes seguida de roda de conversas. Com isso, fomentamos o debate sobre questões importantes de gênero e raça trazidas com os filmes, com foco na ressignificação de conceitos de modo a melhorar a qualidade de vida das espectadoras e dos espectadores. Assistir a um filme é um momento de lazer, de convívio em comunidade, mas não só, diz respeito também a dimensões que vão desde a fruição artística à formação humana crítica. Cada participante de uma sessão é tocado de modo diferenciado e é um potencial multiplicador de ideias.

A programação do Cineclube Afoxé em seu primeiro ano de desenvolvimento seguiram as temáticas e filmes conforme abaixo.

2.1 Mulher negra e maternidade

A primeira sessão do Cineclube Afoxé foi realizada na Má Companhia - Casa dos Grupos de Teatro Z e Repertório, no dia 05/05/2018,

com a exibição do curta capixaba recém-lançado “Braços Vazios”, de Daiana Rocha (Documentário/ficção, 16 min, 2018) e a produção paulista “Deus”, de Vinícius Silva (Documentário/ficção, 25 min, 2016).

2.2 Narrativas de mulheres encarceradas

A segunda exibição aconteceu na Casa Porto das Artes Plásticas, na quinta-feira, dia 17/05/2018. O tema da sessão é a situação das mulheres encarceradas no Brasil, abordado pelos documentários “Diários de classe”, de Maria Carolina Silva e Igor Souza (Documentário, 76 min, 2017), e “C(elas)”, de Gabriela Alves (Documentário, 18 minutos, 2017), que foram apresentados conjuntamente.

2.3 Cotidiano e família

A terceira exibição do Cineclube Afoxé foi no auditório do Arquivo Público do Espírito Santo, na data de 08/06/2018, dentro da programação cultural da “2ª Semana Nacional de Arquivos”, uma ação realizada em parceria entre o Arquivo Público, o Arquivo Municipal de Vitória e a Universidade Federal do Espírito Santo. O cotidiano como espaço e tempo de microrresistências ao sistema opressor ao qual todos estão expostos é o tema abordado nos dois curtas-metragens de ficção exibidos “Cinzas”, de Larissa Fulana de Tal (Ficção, 2015, 15 minutos) e “Sujeito Objeto”, de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Djalma Calmom (Ficção, 2017, 14 minutos), ambas produções baianas.

2.4 Memórias de famílias negras

A quarta sessão aconteceu na Biblioteca Pública do Espírito Santo, no dia 03/07/2018. Foram exibidos dois curtas “Travessia”, de Safira Moreira (Documentário, 2017, 5 min), e “Dara”, de Renato Candido de Lima (Ficção, 2017, 18 min). Os dois curtas abordam de modo poético a memória de famílias negras.

2.5 Pretas potências

A quinta sessão do Cineclubes Afoxé aconteceu do auditório do Parque Botânico da Vale, dentro da programação do Encontro Pretas Potências – Epicentrando o Movimento, dia 08/07/2018. Foi exibido o documentário carioca “Tia Ciata”, de Mariana Campos e Raquel Beatriz (Documentário, 2017, 25 min), uma mulher negra que continua sendo referência de força e poder de articulação.

2.6 Resistência e a luta das mulheres periféricas

No dia 13/07/2018, o Cineclubes Afoxé organizou a sua sexta sessão em parceria com o Núcleo Afro Odomodê no auditório do Museu Capixaba do Negro “Verônica Pas”/MUCANE. Foram exibidos: “Estamos todos aqui”, de Chico Santos, Rafael Mellim (Documentário/ficção, 2017, 22 min), e “As

minas”, de Brunella Alves (Documentário, 2017, 18 min). Os dois documentários abordam de modo diferente a temática da resistência e a luta das mulheres por direitos e espaços sociais e culturais.

2.7 Vivências

A sétima sessão do Cineclubes Afoxé aconteceu em parceria com o Cineclubes Tereza de Benguela, com de “Revejo”, de Láiza Freitas (Documentário, 2017, 18 min) e “Cabelo bom!”, de Claudia Alves e Swakili Vidal (Documentário, 2017, 16 min), no auditório do Museu Capixaba do Negro “Verônica Pas”/MUCANE.

2.8 Juventude e universidade

Para comemorar o dia do estudante, o Cineclubes Afoxé organizou sessão no sábado, dia 11/08/2018, na Biblioteca Pública do Espírito Santo. Foram exibidos os curtas de ficção “Nada”, de Gabriel Martins (Ficção, 2017, 27 min), e “Casca de Baobá”, de Maria Luiza (Ficção, 2017, 11 min).

2.9 Cultura Capixaba: Paneleiras de goiabeiras

No mês de setembro o Cineclubes Afoxé organizou a sua sessão na rua. Foi no bairro de Goiabeiras, dia 01/09/2018, em parceria com a Mangueoteca. A sessão foi uma homenagem a identidade capixaba tão bem representada pelas paneleiras de goiabeiras, ofício de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mulheres que preservam a cultura dessa terra.

Foram exibidos dois curtas capixabas ambientados no bairro “Beatitude”, de Dell Freire (Ficção, 2015, 15 minutos) e “Mulheres de Barro”, de Edileuza Penha de Souza (Documentário, 2015, 26 min).

2.10 Sessão infantil

A primeira sessão infantil do Cineclube Afoxé aconteceu Casa da Memória do Morro da Piedade, dia 03/09/2018. Foram exibidos Victor (Animação, 1 min, 2016), Guerreira (Animação, 7 min, 2017).

2.11 A questão das desigualdades

O Cineclube Afoxé fez parte da programação cultural, no circuito Ará-Ayó (escrito em iorubá que significa comunhão), da 4ª Conferência Mundial de Ações para Redução das Desigualdades Étnico-Raciais, que acontece na Universidade Federal do Espírito Santo, nos dias 26 a 29/09. As sessões aconteceram nos dias 27 e 28/09, no período da manhã, no Cine Metrópolis. Foram exibidos Canto da mulher Quilombola, de Xis Makeda (Documentário, 5 min, 2017, Livre), "Rio de lágrimas secas", de Sáskia Sá (Documentário, 25 min, 2018), “Não somos mais um”, de Larissa Fulana de Tal (Documentário, 19 min, 2015) Essas exposições não foram seguidas de roda de conversa por se tratar de um evento grande com programação extensa.

3. Roda de conversa após a exibição

Após a exibição, é organizada uma roda de conversa com mulheres, para tratar de temas relacionados à condição de vida de mulheres negras suscitados pelos filmes, mediada por convidadas de referência no tema ou realizadoras e aberta à participação das/os espectadoras/os. Consideramos a roda de conversas em si o principal efeito multiplicador do projeto. Há ainda outros efeitos multiplicadores que é do movimento de levar os conteúdos tratados na roda de conversa para outros ambientes de maneira espontânea ampliando a capilaridade dos temas tratados. O movimento seguiu numa espiral crescente, tocando em conceitos basilares para a compreensão da dinâmica de funcionamento do racismo no Brasil.

O uso do termo “raça”, por exemplo, foi umas das questões que apareceram em nossas conversas. A ideia de classificar os homens em raças diferentes de acordo com a tonalidade da pele tem origem no século XVIII, em decorrência dos trabalhos da Zoologia e Botânica. Embora tenha havido avanços significativos na ciência, os termos raça branca, negra e amarela até hoje persistem estantes no imaginário coletivo e na terminologia científica.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O problema, segundo Munanga (2003), não consiste na classificação em si, mas na hierarquização das raças, estabelecendo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais, o que deu origem a uma teoria pseudo-científica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Se na Biologia verificasse a inoperacionalidade do conceito de raça, temos a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão. Somos todos iguais em biologia, no entanto, na realidade social, o conceito de raça carregado de ideologia é usado para justificar práticas de diferenciação no tratamento de grupos de indivíduos e a consequente negação de direitos.

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. (p. 6)

No Brasil, a diáspora da população negra vinda do continente africano para serem escravizados implicou na (des)humanização dessas pessoas que eram negociadas como mercadoria de alto valor agregado. A abolição da escravatura acontece somente no ano de 1888, sendo o Brasil, o último país das Américas a proibir a negociação de pessoas. Essa proibição tardia, seguida de nenhuma reparação que

promovesse a inclusão social da população negra, fez com que atualmente o país ocupe os piores índices sociais e em situação de vulnerabilidade em vários segmentos da vida, dos pilares que estruturam a sociedade às relações privadas de afeto.

Práticas marcadas pela diferenciação e pela injustiça que estratificam e hierarquizam a sociedade, justificadas pela tonalidade da pele, podemos denominar por racismo, nas palavras de Munanga (2003),

(...) o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (p. 8)

Em cada país o racismo apresenta especificidades próprias que dizem respeito ao seu processo de colonização, à diáspora e à escravidão da população negra vinda do continente africano. Numa reflexão sobre a situação racial no Estados Unidos da América e no Brasil, Nogueira (2007) nos dirá que, como se apresenta nesses países, há diferenças quanto à sua intensidade e quanto à sua natureza. Para explicar esse fenômeno, o autor utiliza os termos “preconceito de marca” para



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

explicar como o racismo opera no Brasil e “preconceito de origem” para explicar como o racismo opera nos Estados Unidos da América. Nota-se que Nogueira (2007) não utiliza o termo racismo, como utilizado no texto corrente, preferindo o termo “preconceito”, porém, a partir da definição de preconceito que adota, o compreendemos como sinônimos.

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as conseqüências do preconceito, diz-se que é de origem. (NOGUEIRA, 2007 p. 298)

Explicitaremos algumas características do preconceito de marca engendrado no Brasil apresentado por Nogueira (2007). O preconceito de marca atua na preterição de indivíduos negros, podendo haver negociações por razão de educação, profissão, condição econômica, aptidões ou outros atributos que possam “compensar” a sua condição étnica, visando a aprovação social tanto pelos indivíduos de sua própria condição racial como pelos componentes do grupo dominante. O

critério para a definição de membro do grupo discriminado é do fenótipo ou da aparência racial, e a intensidade do preconceito irá variar em proporção direta aos traços negroides de cada indivíduo. No que diz respeito à ideologia, o preconceito de marca é assimilacionista e miscigenacionista, ou seja, a expectativa é que com os sucessivos cruzamentos inter-raciais ocorra o embranquecimento da população, ao passo que, progressivamente, indivíduos negros abandonem a sua herança cultural. A consciência da discriminação tende a ser intermitente, em geral se inicia quando o indivíduo vai ampliando a frequência de contatos secundários e ocupando novos espaços.

Num país onde a identidade racial é forjada sob o mito da democracia racial, compreender a complexidade que envolve o racismo não é uma tarefa fácil, exige esforço intelectual e consciência crítica da realidade social. É sempre motivo para desconforto para pessoas negras e brancas, gerando muitas dúvidas de difíceis verbalização por quem a vivencia, além de gerar sofrimento de ordens diversas. Compreender de forma racional as ocorrências de racismos das quais são vítimas implica questionamentos mais íntimos em relação à identidade e assumir que “sim, sou negra”/ “sim, sou negro”. Esse reconhecimento, ainda que não seja publicizado, implica em dar-se



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

conta de quem se é; em algumas situações implica em assumir uma identidade a que buscamos escapar ou mesmo negar.

Para Hall (2000) a identidade não é conceito essencialista, é um conceito estratégico e posicional, é um “eu” performativo mutável em negociação. Segundo o autor, estamos vivendo a modernidade tardia, na qual as identidades são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, multiplamente construídas ao longo de discursos, sujeitas a historização, por isso, em constante processo de mudança e transformação. A identidade diz respeito ao reconhecimento do que nós somos ou não somos impreterivelmente por meio da relação com o Outro, em diálogo com o que representamos e como essa representação nos afeta, considerando nosso passado histórico.

Crescemos aprendendo a suavizar os traços negroides, como nas situações de emitir autodeclaração usando os termos “pardo” ou “moreno” ao invés de “negro”, a omitir nossa religiosidade de matriz africana, a usar de tratamentos estéticos de alisamento de cabelos crespos, afinamento de nariz, entre outros. Quanto mais fortes os traços negroides, mais vulnerável a ser vítima de racismo o indivíduo está. Tomemos o tom da pele, como um traço negroide de mais difícil disfarce, quanto mais escuro for o tom da pele mais os indivíduos estão vulneráveis. Esse aspecto do colorismo determinante nas práticas racistas tem sido um

tema tratado dentro do movimento negro via as redes sociais¹.

Aprendemos desde muito cedo a nos punir num movimento de reprodução das violências a que somos vítimas por causa da nossa condição racial. Olhamo-nos no espelho e aprendemos a não ver beleza alguma, somos críticos a forma alargada do nariz, à textura do cabelo crespo, ao tamanho dos lábios, as formas mais acentuadas do nosso corpo; olhamos a televisão, o cinema, as capas de revistas e não temos referências positivas para nossos traços. Violentamo-nos na esfera íntima, perseguindo uma autoimagem que exige o apagamento de nossas marcas raciais, não nutrindo nossa autoestima e nossa autoconfiança – exatamente como a sociedade racista nos violenta na esfera social ao sinalizar os espaços que podemos ocupar. Romper a lógica desse sistema opressor exige esforço intelectual individual para a compreensão da complexidade do racismo e articulação política coletiva para fortalecimento dos nossos em nossa comunidade.

Bell Hooks (2010) explica que a escravidão impactou na forma de amar da população negra, pois na condição de pessoas escravizadas foram testemunhas de famílias sendo separadas após negociações comerciais e entes queridos sofrendo abusos, fome, sendo espancados e mortos diariamente sem razão. A sobrevivência nas senzalas estava muitas vezes



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

determinada por sua capacidade de reprimir as emoções. Enquanto que a prática do amor tornaria uma pessoa mais vulnerável e o sofrimento algo insuportável.

A repressão dos sentimentos seguiu como estratégia de sobrevivência da população negra mesmo depois da escravidão. Para a população negra, suprir as necessidades materiais torna-se sinônimo de amar, deixando as necessidades emocionais em segundo plano. Bell Hooks (2010) nos chama a atenção para o fato de que viver plenamente significa ter necessidades materiais atendidas, além de reconhecer e atender as necessidades emocionais. Precisamos praticar o amor como política de vida, como estratégia de uma experiência de uma vida plena historicamente negada à população negra. É preciso, portanto, criar condições para viver plenamente, assumindo a necessidade de conhecer o amor.

Para a autora, a arte e a prática de amar começa com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar. O primeiro passo para o cultivo do amor interior dá-se no movimento de se olhar no espelho e substituir a crítica negativa pelo reconhecimento positivo. O cultivo do amor interior depende da afirmação do direito de amar interiormente.

A mulher negra descolonizada precisa definir suas experiências de forma que outros entendam a importância de sua vida interior. Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se

nos permitirmos sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas (HOOKS, 2010).

Nutrir o nosso amor interior passa também pela busca da vida plena para mim e para o outro. Reconhecendo a mim a necessidade de amar e ser amada, sou capaz de agir de modo a nutrir o amor interior do outro. Nesse movimento nós, que fazemos parte da população negra, aprendemos a amar, amando nos curamos das feridas feitas em nossos ancestrais com a escravidão.

Cada sessão do cineclube era organizada de acordo com uma temática. A partir da temática da sessão outros temas relacionados as questões que afetam diretamente as condições de vida das mulheres negras, como os apresentados aqui, eram abordados na roda de conversa. A variação do público, locais de exibição e responsáveis pela mediação das conversas faziam com que o tratamento conceitual também variasse em intensidade. Tais aspectos serviram para qualificar as discussões e a formação das espectadoras2.

4. O que temos aprendido até aqui...

A organização de sessões de cineclube em espaços públicos para exibição e fruição de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

filmes de realizadoras para tratar das condições de vidas das mulheres negras tem sido um desafio e uma oportunidade de aprendizado ímpar.

Temos tomado alguns cuidados fundamentais para o acolhimento do público e criação do ambiente propício para tocar em assuntos delicados que nos afetam intimamente, como: a) buscamos exibir em locais de fácil acesso e em horários que permitam o trânsito de espectadoras em segurança; b) priorizamos a exibição de curtas pois os locais de exibição são espaços ressignificados e não oferecem o conforto de uma sala de cinema padrão; c) convidamos mulheres de referência para participar da roda de conversa após as sessões; e d) servimos pipoca ou oferecemos outros lanches para que o momento seja de conforto, aconchego e que outros sentidos sejam despertados através da partilha de lanche e outros afetos.

A partir do trabalho de pesquisa e curadoria percebemos que a) temos exibido filmes que contaram com investimento público de Editais de Cultura do Espírito Santo e outros estados no Brasil; b) esses filmes não entram no circuito comercial dificultando a circulação da obra e acesso pelo público portanto, temos um movimento de acesso público a obras financiadas com recurso público; e c) temos compreendido que a troca de afetos e saberes e as narrativas produzidas no *espaçotempo* do

cinelube é potente por possibilitar o questionamento sobre quem somos, como somos representadas e como podemos subverter essa representação que está posta.

Nesse sentido, entendemos que ao organizar as sessões de Cineclube Afoxé estamos qualificando o trabalho da militância no movimento de mulheres negras, sendo, portanto, um ato político e uma possibilidade de cura, conforme defendida por Bell Hooks. Tornar a prática de amor um ato político de vida implica o envolvimento coletivo pensando estratégias para a vida plena para cada mulher individualmente e de toda a sociedade.

Referências

ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (Org.). Cineclube, Cinema & Educação. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.

ALVES, Nilda (Org.). Criar currículos no cotidiano. São Paulo: Cortez, 2004.

CAZÉ, Bárbara Maia Cerqueira. Os usos e os atravessamentos do cineclube (e do cinema) na tessitura dos currículos em redes nos cotidianos. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – artes de fazer (vol. 1). Petrópolis: Vozes, 1994.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Estudos Feministas, ano 10, nº 172, 1º semestre de 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>

DUARTE, Rosália. Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2000.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor> Acesso: junho de 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Mapa da Violência 2017: Homicídio de Mulheres no Brasil. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Mapa da Violência 2017: Homicídio de Mulheres no Brasil Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf.

MARCONDES, Mariana Mazzini [et al.] Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013. 160 p

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem - Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1. 2007